

3ª Parte

Prosa de Ficção

Olhos verdes, rosto moreno

Fran Martins

– Vá trabalhar, mulher! Ainda tão forte e com preguiça de trabalhar!

Curvou a cabeça e foi saindo, os passos lentos, o corpo tremendo. Os olhos não viam o caminho que percorria, por isso tropeçou na grama e quase caiu. Os músculos se retezaram num último esforço, conseguiu, a muito custo, aprumar-se, evitar um tombo. E atrás de si ainda ouviu a voz do rapazinho:

– Além de preguiçosa, bêbada! Não tem coragem para trabalhar, mas tem para beber!

Estava habituada a ouvir frases iguais àquelas, mas nunca, como então, sentira tão profundamente o avilte que elas encerravam. Porque o rapaz que as pronunciara recordava qualquer coisa na sua vida, no intrincado e já quase esquecido mundo de suas lembranças. Aqueles olhos verdes num rosto moreno, aquele cabelo partido ao lado, aquela testa ampla que dava ao rosto uma feição toda especial... Qualquer coisa daquela figura residia na sua memória – traços fisionômicos semelhantes àqueles, vistos em alguma parte, numa pessoa querida, que não sabia, não podia identificar...

Por isso abria o portão e com passadas leves, macias, aproximara-se do alpendre: Alguma coisa de uma pessoa amiga estava transportada para aquele rosto – talvez um parente, um conhecido, talvez. Não tinha a ousadia de identificar no rapaz um parente ou descendente da pessoa lembrada – apenas queria, de perto, perscrutar aqueles traços, rever na lembrança apagada alguém que com certeza há muito tempo morrerá. Quem seria esse alguém que tão repentinamente ressurgia na sua consciência? Impossível identificar uma sombra – o passado não volta facilmente quando se tem setenta anos.

Do portão entrevira esse clarão e a curiosidade fora maior que a prudência natural que usava. Sabia que os homens não gostam de ser interrompidos nos seus lazeres para atender a uma pobre mulher. Mas aquele era diferente, haveria de compreender, não usaria das mesmas expressões comuns nas pessoas a quem estirava a mão. Àqueles olhos verdes, aquele rosto moreno, aquela testa ampla também haviam pertencido a alguém que a quisera – e esse alguém não identificado era bom, incapaz de dizer-lhe uma grosseria.

Com passos leves e macios transpôs o portão, atravessou a grama do jardim. Os homens não gostam que os pedintes façam isso, ficam furiosos por serem perturbados nos seus lazeres. Às vezes estrumam cachorros, ou fazem medo, dizendo que os bichos estão soltos, que os pobres devem sair logo para não serem mordidos pelos cães. E é uma felicidade quando não proferem palavrões, nomes injuriosos – “vagabunda”, “ladra”, outros piotes...

Na sua vida diária de pedinte acostumara-se a isso e se tornara prudente. Quando se dirigia a uma casa rica ficava longo tempo no portão, esperando que alguém aparecesse. Porque se se atrevêsse a entrar as palavras eram aquelas, se tocasse a campanha, santo Deus, quantos gritos ouviria... Esperava que o acaso trouxesse alguém no portão para mudamente estirar-lhe a mão e receber a esmola, nas raras vezes em que esmola havia.

Naquele instante, porém, a curiosidade fora maior – mal entrevira o rosto do rapaz, uma corda do seu passado vibrou mais alto. Um dia, não sabia quando, um rosto como aquele fora seu amigo. Os olhos eram os mesmos, a mesma cor da face, a mesma testa ampla que dava tanta personalidade ao rapaz. Um amigo, um parente, talvez, de cuja figura os anos acabaram deixando, apenas, aqueles poucos traços inesquecíveis.

E quando deu acordo de si estava junto ao terraço, olhando embevecida para o moço, que lia despreocupadamente. No seu rosto marcado pelas dores da vida um sorriso a florava, como uma flor entre ruínas. Toda a sua alma, ferida pelas agruras, renovava-

se e sorria para o desconhecido que ainda não a pressentira. As mãos, descarnadas e grossas, tremiam da emoção que a dominava inteiramente, apenas porque seus olhos reviam traços fisionômicos de uma pessoa querida.

– Uma esmolinha, meu filho, para uma pobre velha...

O rapaz levantou a vista – e por um momento a mulher esperou que ele a compreendesse. Não era propriamente a esmola que ela queria – era um olhar benevolente daqueles olhos verdes, um sorriso daquele rosto moreno. Qual a pessoa, no seu passado, que possuía olhos e rosto iguais àqueles? Um parente ou um amigo, talvez, na sua mais tenra infância, mesmo na adolescência.

Num relâmpago apareceram na sua memória trechos da vida extinta, pedaços do passado perdido. Uma casa ampla onde vivia com as irmãs, todas com vestidos iguais, todas engomadas e penteadas. A mãe ensinando-as a rezar, cada uma ajoelhada, murmurando orações que não compreendiam. Um dia, o pai morto na sala, muita gente ao redor, a mãe gritando no quarto. Vestidos pretos, por longo tempo – e a mãe muda, triste, muitas vezes surpreendida chorando. Cenas que se entrelaçavam, paisagens que se superpunham, vozes que se confundiam no seu cérebro cansado.

Passou a mão pelos olhos, como se quisesse varrer aquelas visões. Há quanto tempo estava ali sorrindo para o rapaz que erguera a vista do livro e a fitava com seus olhos verdes? Não podia ter sido muito tempo: ainda ouvia o eco de suas próprias palavras. Talvez dez segundos, um minuto mesmo – o tempo bastante para aflorar-lhe um sorriso aos lábios.

Mas as visões persistiam com uma intensidade assombrosa. Uma mocinha vestida de branco – devia ser ela, já não sabia bem. Um homem que durante dois meses a amara – amor que nem amor fora naqueles seus quinze anos. Depois os vestidos pretos novamente – dessa vez porém ela sozinha, sem ninguém ao seu lado, mãe, irmãs ou conhecidos. Um longo prado de flores, murchas – e um cemitério triste, num alto mais triste ainda, com muitas cruzinhas pintadas de branco.

E no meio de tudo, aqueles olhos que a fitavam, verdes, bem verdes, num rosto moreno. A testa ampla que dava um aspecto especial ao rosto, rosto que não se personificava nas suas recordações. Uma casinha rústica numa cidadezinha rústica – parentas que a obrigavam a trabalhar, que não conversavam e um dia também desapareceram. Via-se agora sozinha novamente – que nomes surgiam na sua memória, que palavras morriam na sua garganta?

Não, sabia que agora não estava sorrindo, que o rapaz que a fitava era bem outro, inteiramente outro. Mas aqueles, aquele rosto, aquela testa ampla! Porque morcegos voejavam ante os seus olhos, porque os ouvidos zumbiam, porque um leito de hospital estava cansando o seu corpo? Queria sorrir – mas era uma tosse horrível, seca, misturada com sangue, que saía de sua garganta. Uma voz rouca, diferente da sua, um fio de voz sufocado por angústias, por dores cruciais.

Novamente passou a mão no rosto, varrendo aquelas miseráveis figuras que a cercavam, que gritavam nos seus ouvidos. Agora sabia que passara bastante tempo desde o momento em que estirara a mão ao rapaz – um minuto, dois minutos talvez. Nesse espaço interminável procurara sorrir – mas tinha a certeza de que, no seu rosto murcho, mil emoções diversas se exteriorizavam, fazendo mil trejeitos que não conseguira dominar. Aquilo não era, não podia ser o sorriso que ensaiara para o rapaz de olhos verdes, de tez morena, de testa ampla.

– Uma esmolinha, meu filho, para uma pobre velha...

Sim, ouvira distintamente as palavras, sentia a repulsa do rapaz que se encolhera na cadeira, fugindo ao seu hálito. Os homens não gostam que os pedintes lhes falem de perto – ela já devia saber muito bem disso. Uma rua quase deserta, a cidade grande, noite de frio, o corpo tremendo de febre. Os transeuntes passavam de cabeça baixa, cada um para sua casa, apressados e silenciosos. Por que não ir também para casa reconfortar-se na cama quente, ouvir de joelhos as orações da mãe, conversar em voz baixa com as irmãs de luto? Por que não deitar-se ao lado do homem que a amara, nos dois meses que foram como que um longo hiato na sua

meninice? Por que não chorar junto a uma cruz no cemitério, não enfeitar de flores os tumulozinhos perdidos no alto? Por que não curvar a cabeça aos gemidos do hospital?

Os passantes não a notavam e ela tremia de frio e de febre. Lentamente as pernas foram-na conduzindo pela rua deserta e mal iluminada. Chegou perto do homem, aproximou-se, e quase lhe tocando as faces murmurou com a voz rouca:

– Uma esmola, uma esmola por tudo quanto é sagrado!

Do chão não pôde ver a cara do homem que se afastava falando furiosamente. Sentia apenas a cabeça rodando, o ardor do murro no peito, a pedra dura da calçada em que caíra de costas. E quando se levantou continuou a caminhar, a tosse horrível sufocando os soluços que lhe saíam da garganta.

Uma casa muito pobre, com duas velhas que lhe davam comida. E os cabelos, que foram louros, agora eram brancos, longos e brancos. Um enterro que saiu de tarde, sem uma lágrima a acompanhá-lo, sem uma palavra de consolo e amizade.

– Meu Deus, como é horrível a velhice!

A outra dissera a frase, depois sumira-se, nunca mais voltara. E por longos anos, longos, longos anos, a frase ecoara nos seus ouvidos. A velhice, a velhice! Um rosto que se enruga, um corpo que se curva, mãos que se afinam, voz que se apaga...

– Uma esmola, meu filho, uma esmolinha...

Agora o rapaz já não a fitava, aos poucos se erguia da cadeira cômoda. Sem dúvida seu rosto traíra as emoções acordadas por aqueles olhos, aquela cor da face, aquela testa ampla. Dois meses na sua meninice, dois meses só de amor, dois meses de ilusões. E vestidos pretos, hospital, cruces, a mãe rezando, as irmãs cochichando, campos desconhecidos, cidades movimentadas, vilarejo rústico, tosse, tosse, tosse...

– Os cachorros estão soltos, vá embora senão eles mordem... Por que se atreveu a passar o portão, com perigo de ser estraçalhada pelos cães?

No barracão de táboas não havia luz e as palavras lhe ressoavam aos ouvidos como uma obsessão. Iniciara-se apanhando rudemente, suportara tudo, mas aquelas palavras a liquidavam. Não perdia para expor a sua miséria – mas os cães não podiam ser melhores do que ela.

Lembrava-se agora como fora para o barracão, depois que lhe negaram todos os fundos de casebres sujos. Era um lugar que nem os bichos queriam, mas já era mais um bicho, não tinha nome, nem família, nem vida. Tomara conta de tudo como se aquilo sempre tivesse sido seu – um simples telheiro com algumas táboas ao lado, algumas pedras onde de noite esquentava os restos de comida que lhe davam na rua. Uma casa grande, florida, para quem não tem mais vida, consciência de pessoa humana.

E tudo se apagara na sua memória – o mundo, os vestidos pretos, a mãe, as irmãs, a cama do hospital. Perambulava nas ruas todos os dias, repetindo maquinalmente a frase há muito decorada. Se os homens proferiam palavras rudes, não as ligava, acostumara-se a elas. Pior que um cão de guarda já fora taxada – agora era a velhice, a velhice, a velhice.

Aqueles olhos, aquele rosto moreno, a testa ampla deram-lhe uma breve ilusão de que um dia também vivera. Mas ao ouvir falar nos cães recuara, curvara a cabeça, e tudo o que lhe aflorou por um instante à memória, voltou a ser sepultado, desapareceu num minuto. O corpo curvado, lágrimas caindo pelos olhos, os ouvidos mal compreendiam outras palavras que o rapaz murmurava sobre trabalho, sobre preguiça. E, ao tropeçar na grama do jardim parecia-lhe que fora alguém do seu passado que gritara, indignado:

– Além de preguiçosa, bêbada! Não tem coragem para trabalhar, mas tem para beber!

Atravessou o portão e, ao contrário do que sempre acontecia, não teve sequer o cuidado de fechá-lo novamente. Era uma pobre velha, uma velha bêbada talvez, que nas suas fantasias reconhecera uns olhos, um rosto, uma testa. O homem que a amara jamais existira, a casa grande, as irmãs, a roupa preta, o cemitério, os quinze anos – tudo era fantasia. Só os cães existiam, cães que

podiam estraçalhá-la, porque invadira um jardim gramado. Porque se recordava, num minuto apenas, de mil cousas que talvez jamais tivessem ocorrido, de mil fantasmas que nunca viveram.

No barracão encostou a lata num canto, a latinha onde guardara os restos de comida que lhe deram. Maquinalmente acendeu o fogo, pôs a lata na trempe e ficou estática, olhando a fumaça que subia para as telhas. Era apenas uma pobre velha, sem passado, sem nome, sem amigos. Preguiçosa e bêbada, forte e sadia – um traste que até os cães podiam estraçalhar.

A idade agora doía, sentia o peso físico de tantos anos de misérias. As mãos, descarnadas e magras, tremiam de fraqueza, talvez de indignação. Os cães podiam estraçalhá-la, foi alguém de olhos verdes e rosto moreno que disse. Os cães que eram gordos e fortes, de pêlo luzidio e bem tratados, os cães que não eram velhos e tinham dentes e garras afiadas.

O fogo amorteceu, a comida continuou na lata, e ela não podia mover-se, não tinha coragem de fazer um gesto. Quantas vezes morrera na vida, quantas vezes tentara ressuscitar? Agora, porém, era velha, agora era um traste que até os olhos verdes desconheciam... E os cães podiam devorá-la, cães fortes e luzidios que não gostavam de velhos.

Os gatos entraram no barracão, aninharam-se aos seus pés, ronronando festivos. Maquinalmente passou a mão no pêlo dos bichos, que se enroscaram, contentes, felizes. Aqueles também eram velhos, tão velhos que não tinham mais forças para defender-se e viviam dos restos que ela mendigava, repartidos irrmãmente todas as noites.

A mão descarnada percorria os pêlos dos animais, que ronravam festivos e felizes. Se um cão forte e luzidio pegasse aqueles pobres numa rua deserta... Lentamente ela foi à trempe, tirou a lata do fogo, derramou para os gatos toda a comida que conseguira. E enquanto os bichos comiam, com sofreguidão e alvoroço, ela curvava a cabeça e procurava sorrir, se bem que dos seus olhos corressem grossos, impetuosos, tristes fios de lágrimas.